

Capítulo 4

DIMENSÕES E SIGNIFICADOS DAS IDENTIDADES SOCIAIS

Marcus Lima e Jorge Vala

No Capítulo anterior, examinámos o sentimento de privação relativa dos jovens e as consequências deste sentimento na sua vida pessoal e na sua relação com a sociedade portuguesa. Neste Capítulo¹, propomo-nos analisar a forma como estes mesmos jovens definem a sua identidade social, uma dimensão da vida individual e colectiva que se mostra importante no entendimento das relações intergrupais e, de maneira particular, no entendimento da dinâmica dos grupos minoritários. Podemos mesmo dizer que o conceito de identidade social tem dominado a análise das relações intergrupais nos últimos 20 anos (ver Brown e Capozza, 2000). Em Portugal, porém, os estudos sobre a identidade social são ainda escassos, nomeadamente os estudos sobre as identidades dos grupos minoritários etnicizados ou racializados, apesar de algumas excepções como o sejam, por exemplo, o estudo de Saint-Maurice (1997) sobre os cabo-verdianos e o estudo de Machado sobre a comunidade guineense (2001) (ver Bastos e Bastos, 1999, para uma bibliografia muito completa dos estudos sobre fluxos migratórios, integração e identidade dos imigrantes em Portugal).

Chegados a novos países, os imigrantes são confrontados com novos quadros de vida, com padrões de valores diferentes, com outras regras de comunicação e novos contextos de trabalho que desencadeiam processos de comparação social. Daqui resultam estratégias de integração, assimilação ou separação (ver Capítulo 8) associadas à reconstrução de identidades. Neste processo de reconstrução de identidades, as pessoas fazem apelo às representações sobre a sua cultura que confrontam com as representações sobre as culturas da sociedade de acolhimento. Deste confronto podem resultar problemas e disfunções, cujo entendimento e gestão tornam necessário o estudo da dinâmica das identidades dos grupos minoritários e o estudo da

1 Os autores agradecem os comentários e sugestões de Dalila Xavier de França, que muito contribuíram para a elaboração deste Capítulo.

relação entre essas identidades e as identidades das maiorias. Mesmo aqueles jovens que são portugueses, que não são imigrantes, e que constituem quase cinquenta por cento desta amostra, são igualmente levados, por força da diferença de cor, do significado social negativo atribuído a essa diferença, e da impossibilidade de escapar ao estigma da diferença, a questionar a identidade colectiva e a sua relação com a maioria.

É neste contexto que analisamos uma das dimensões da identidade social dos jovens negros em Portugal, aquela que, em contexto de relação intergruppal, decorre da evocação do seu país de origem ou do país de origem dos seus familiares, ou de factores associados às imagens dessas origens.²

Começaremos por descrever as auto-identificações mais usadas pelos jovens negros, e as relações destas com as "vozes sociais", ou seja, com as identificações usadas pelos portugueses brancos para os definirem. Analisaremos, ainda, o significado emocional associado a essas auto e hetero-identificações. Nas análises subsequentes, descrevemos os significados associados às identificações anteriormente descritas.

1. Categorias sociais de identificação e relações sociais

A Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1978; Tajfel e Turner, 1979) define a identidade social como a parte do auto-conceito de uma pessoa que deriva do seu reconhecimento da pertença a um grupo social, juntamente com o significado emocional e valorativo associado a essa pertença (Tajfel, 1978). O aspecto mais importante nesta definição refere-se ao facto de o indivíduo se auto-definir em função do reconhecimento da pertença a um determinado grupo ou categoria social. Embora as categorias sociais de identificação não tenham todas igual importância na identidade, assume-se que a auto-definição e a interiorização de um determinado nome colectivo ou pertença grupal represente uma importante dimensão da identidade dos indivíduos.

Identidade social e modalidades de auto-categorização

No campo dos estudos sobre a identidade dos "grupos étnicos" e minoritários, várias investigações têm mostrado que uma das formas de auto-categorização ou de adopção de um nome colectivo por parte dos membros desses grupos decorre da evocação de uma cultura própria, um passado histórico

2 Tentaremos evitar os termos "identidade étnica" e "identidade racial", pois são termos que, quando usados pela maioria, remetem, muitas vezes, para processos de inferiorização das minorias (ver Rex, 1986; ver também o Capítulo 8).

ou um território comuns (e.g., Hutnik, 1991; Saint-Maurice, 1997; Tonks e Paranjpe, 1999; Verkuyten, 1997). Neste estudo, a fim de conhecer os nomes colectivos que os jovens utilizam nas suas auto-definições, apresentávamos no questionário uma lista com 16 categorias que remetem, maioritariamente, para as diferenças na cor da pele e para os países africanos de origem, e pedíamos-lhes que indicassem aquela que “melhor descreve a forma como se vê a si próprio” (identificação primária). Em seguida, solicitávamos ao inquirido que retornasse à lista e escolhesse a segunda palavra que melhor o descrevia (identificação secundária)³. As respostas foram agrupadas em 6 categorias: “o país de origem” (que inclui as identificações com Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Guiné); a “raça” (negro e raça negra); “africano” (que inclui apenas a categoria “africano”); “português” (escolha da categoria “português”); “lusó-africano” (escolha da categoria “lusó-africano”); “outras” (que engloba as categorias: outra, a minha etnia, preto, mulato, mestiço, branco)⁴. Os resultados das respostas agregadas são apresentadas no Quadro 4.1.

Os resultados mostram que a identificação com o “país de origem” é a mais importante das identificações primárias dos jovens, e é também a mais importante no conjunto das identificações primárias e secundárias. Depois da identificação com a nacionalidade do próprio ou dos ascendentes, segue-se a identificação com África, um tipo de resposta que pode remeter para a reivindicação de uma identidade cultural específica. A identificação com Portugal, enquanto identificação primária, é apenas referida

Quadro 4.1 Categorias de auto-identificação primária e secundária (%)

| Identidade Auto-atribuída | Identificação primária | Identificação secundária |
|---------------------------|------------------------|--------------------------|
| Africano | 13 | 34 |
| País de origem | 57 | 29 |
| Português | 4 | 8 |
| Lusó-africano | 11 | 6 |
| Racial | 8 | 11 |
| Outras | 7 | 12 |

3 A identidade primária foi avaliada através da seguinte questão: “A partir da lista apresentada a seguir, escolha a palavra que melhor descreve a forma como se vê a si próprio.” Era então apresentada uma lista com 15 categorias acrescida da categoria “outras”. A identidade secundária foi avaliada através da seguinte questão: “Volte a ler a lista de palavras e escolha, por favor, aquela que o melhor o descreve em segundo lugar. Agradeço que escolha apenas uma destas palavras.”

4 As percentagens de identificação primária com estas categorias isoladamente são as seguintes: mulato/mestiço – 4%; preto – 1%; a minha etnia – 0,3%; branco – 0%; outras – 1,4%.

por 16 dos entrevistados, e por 48 deles (12%) quando se agregam as identificações primária e secundária. Se considerarmos as duas identificações, a categoria "lusó-africano" é mais saliente do que a categoria "português".

No Quadro 4.2 apresentam-se os resultados da relação entre a nacionalidade do próprio e as categorias de identificação⁵. De uma maneira geral, pode observar-se que a frequência da identificação com o "país de origem" (do próprio ou dos familiares) é elevada, mesmo entre os inquiridos de nacionalidade portuguesa ou de dupla nacionalidade, embora esteja claramente mais presente entre os cabo-verdianos. Em segundo lugar, podemos observar que a categoria africano é a segunda categoria de identificação em todos os grupos (sendo, nomeadamente, elevada entre os guineenses).

Quadro 4.2 Nacionalidade e auto-identificação primária (%)

| Identificação primária | Portuguesa (41,3) | Cabo-verdiana (27,8) | Angolana (15,3) | Guineense (7,3) | Dupla nacionalidade (3,5) | Outras ⁶ (5) |
|------------------------|-------------------|----------------------|-----------------|-----------------|---------------------------|-------------------------|
| Africano | 12,2 | 15,7 | 10,3 | 34,6 | 0 | 10,5 |
| País de origem | 44,6 | 76,9 | 72,4 | 53,8 | 71,4 | 68,4 |
| Português | 8,8 | 1,9 | 0 | 0 | 7,1 | 0 |
| Lusó-africano | 23,0 | 2,8 | 5,2 | 11,6 | 14,3 | 0 |
| Racial ⁷ | 11,4 | 2,7 | 12,1 | 0 | 7,2 | 21,1 |

Quanto aos jovens de nacionalidade portuguesa, o seu padrão de resposta é idêntico ao dos outros jovens, ou seja, valorizam o país africano de origem dos seus antepassados. De qualquer forma, este é o grupo que menos se identifica com a categoria "país de origem" e o que mais se identifica com a categoria "lusó-africanos". Por outro lado, e como já se sublinhou, apenas uma reduzida minoria dos jovens com nacionalidade portuguesa se identifica com o país de que são cidadãos.

Como salientam as teorias sobre a identidade social e, especificamente, aquela que tomamos como referência (Tajfel, 1978), a identidade social é mais do que uma simples escolha de um nome colectivo e não envolve apenas processos cognitivos. Ela comporta, também, um sentimento de valor vinculado à categoria de identificação. Neste sentido, analisámos a dimensão

5 Coeficiente de Contingência = .41; g.l. = 20; p < .000.

6 Esta categoria é composta pelas nacionalidades com valores mais residuais na amostra: Moçambicana (n=5), Santomense (n=12).

7 Como se referiu, adoptámos a denominação "identidade racial" para as identificações "negro" ou "raça negra"; as identificações "mestiço", "mulato", "preto" e "minha etnia" foram pouco escolhidas, e por isso enviadas para a categoria "outras".

afectiva associada às categorias de identificação que referimos⁸. Os resultados de uma análise de variância, apresentados na Figura 4.1, mostram que todas as categorias de identificação são avaliadas positivamente (valores significativamente acima do ponto médio da escala) e de forma semelhante⁹. Deste modo, à variabilidade das categorias de identificação corresponde uma homogeneidade em termos do valor atribuído a essas categorias. Este é um primeiro indicador de que os jovens constroem uma imagem positiva dos grupos de identificação, resultado que já era anunciado pelos dados relativos à coesão intragrupal e à saliência da comparações intergrupais apresentados no Capítulo anterior.

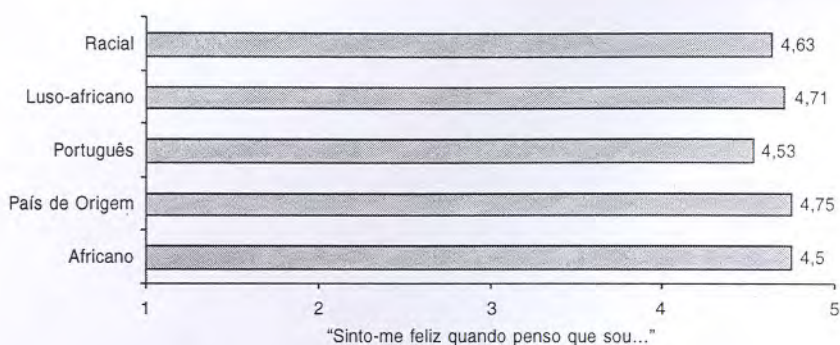


Figura 4.1 Avaliação da identificação auto atribuída (médias)

Tal como perguntámos aos jovens inquiridos com que categorias se identificavam, também os interrogámos sobre as categorias de rejeição. Esta nova pergunta decorre da hipótese de que a identidade se organiza, simultaneamente, com base em categorias de rejeição e de identificação, uma hipótese decorrente do processo de categorização social como fundamento da identidade. Este processo assume que uma categoria de identificação só adquire sentido psicológico por oposição a outra ou outras categorias.

Às perguntas sobre a identificação primária e secundária seguiam-se duas outras. Uma delas suscitava a identificação não exclusiva dos inquiridos com a lista de categorias já referida ("Desta lista de palavras escolha todas as palavras com que mais se identifica. Pode escolher tantas palavras quantas quiser"); a outra questionava sobre as categorias de não identificação ("Escolha as palavras com que não se identifica ou rejeita; as pala-

8 Indicador: "Sinto-me feliz quando penso que sou..."(p. ex. Cabo-verdiano). A escala variava de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

9 $F(4, 370) = .76, p > .10$.

vras que não gostaria que usassem publicamente para se referir a si"). As respostas obtidas a estas duas perguntas são apresentadas no Quadro 4.3.

Quanto às categorias de identificação, os resultados mostram o padrão de resposta já comentado. No que toca às perguntas relativas às categorias de rejeição, verifica-se que as mais frequentemente rejeitadas são "preto" e "branco". Segue-se a categoria "país de origem", o que indica que a identidade dos jovens se constrói não só por oposição às categorias "branco" e "preto", mas também por oposição aos países de origem dos outros jovens negros. De sublinhar ainda que a categoria "português" e "lusó-africano", não sendo categorias frequentes de identificação, também não são categorias rejeitadas.

Quadro 4.3 Categorias de identificação e rejeição (%)

| | Categorias de identificação rejeição | |
|----------------|--------------------------------------|----------|
| | Identificação | Rejeição |
| Africano | 42 | 3 |
| País de Origem | 57 | 43 |
| Racial | 33 | 20 |
| Preto | 13 | 49 |
| Mulato/Mestiço | 19 | 14 |
| Branco | 2 | 47 |
| Português | 17 | 29 |
| Luso-africano | 32 | 7 |

A frequência das categorias de identificação e de rejeição é apresentada no Quadro 4.4. Neste caso, apenas apresentamos as categorias de identificação mais frequentes a nível da identidade primária. Por outro lado, para tornar compreensíveis os resultados, desdobrámos a categoria "país de origem" nas suas subcategorias mais frequentes — cabo-verdiano, angolano, guineense.

Os resultados mostram que, para qualquer das formas de identificação mais frequentes, as categorias de rejeição são "branco" e "preto", e um país ou países que não o país de origem do próprio. Observa-se, também, que a categoria de menor rejeição é "africano", a que se segue "lusó-africano" e "português". A identidade racial é, também, pouco rejeitada, e é uma categoria de identificação escolhida frequentemente, o que pode remeter para processos emergentes de diferenciação positiva da identidade racial¹⁰. Note-se que a categoria "branco" é menos rejeitada pelos que se identificam com "português", que a categoria "português" é mais rejeitada pelos

10 Para uma análise deste problema noutra contexto nacional, ver o estudo de Almeida (2000) sobre a Baía, Brasil.

Quadro 4.4 Categorias de rejeição em função das principais categorias de identificação (%)¹¹

| Categorias de rejeição | Categorias de identificação | | | | | | |
|------------------------|-----------------------------|---------------|--------|----------|----------|---------------|-----------|
| | Português | Luso-africano | Racial | Africano | Angolano | Cabo-verdiano | Guineense |
| Africano | 5 | 4 | 0 | 0 | 0 | 6 | 0 |
| Moçambicano | 33 | 36 | 32 | 33 | 30 | 29 | 52 |
| Guineense | 39 | 39 | 35 | 32 | 38 | 29 | 0 |
| Cabo-verdiano | 15 | 18 | 21 | 16 | 29 | 0 | 31 |
| São-tomense | 38 | 32 | 35 | 30 | 32 | 28 | 45 |
| Angolano | 30 | 26 | 27 | 24 | 0 | 30 | 52 |
| Mulato/mestiço | 21 | 27 | 33 | 20 | 19 | 17 | 41 |
| Preto | 49 | 54 | 49 | 48 | 45 | 55 | 38 |
| Branco | 33 | 50 | 57 | 51 | 45 | 49 | 52 |
| Racial | 17 | 14 | 0 | 17 | 6 | 20 | 14 |
| Português | 0 | 27 | 43 | 29 | 28 | 29 | 35 |
| Luso-africano | 5 | 0 | 7 | 9 | 7 | 9 | 10 |

que se identificam com “negros” ou “raça negra”, e que aqueles que se identificam com “guineenses” são os que rejeitam, mais frequentemente, outros grupos nacionais.

Identidade social e modalidades de hetero categorização

A construção da identidade social faz-se com base na reflexão sobre as experiências pessoais e colectivas, mas também com base nas “vozes sociais” exteriores ao grupo. Um grupo social e uma identidade colectiva são o resultado de auto-categorizações, mas também de hetero-categorizações. Não são, pois, apenas, resultados da flexibilidade pessoal e do endogrupo, mas, também, de processos de influência exteriores ao grupo. Com base nesta hipótese, decorrente das abordagens sociocognitivas da identidade social (para uma discussão ver, Brown, 1988 e Vala, 2001) perguntámos: “quando os portugueses brancos se referem a si, qual das seguintes palavras utilizam com mais frequência” (a lista de palavras é a mesma que usámos na auto-identificação). O nosso objectivo é, assim, o de analisar as possíveis relações entre as auto-identificações e as hetero-identificações percebidas.

Como podemos ver no Quadro 4.5, a hetero-identificação predominante é “pretos”. Uma vez que esta categoria não é uma categoria usada na auto-identificação, estes resultados indicam que os inquiridos não interiorizam

11 A leitura deste quadro deve ser feita em coluna. Em cada célula são apresentadas as percentagens de resposta afirmativa. Por exemplo, 5% dos que se identificam com “português” rejeitam a categoria “africano”.

Quadro 4.5 As categorias sociais de hetero-identificação dos jovens

| Identificação Hetero-Atribuída | Percentagens | Frequências |
|--------------------------------|--------------|-------------|
| Africano | 10,5 | 42 |
| País de Origem | 11,5 | 46 |
| Português | 0,5 | 2 |
| Luso-Africano | 1,8 | 7 |
| Negro/Raça Negra | 14,0 | 56 |
| Preto | 44,4 | 177 |
| Mestiço/Mulato | 9,8 | 39 |
| Outras | 7,5 | 31 |
| <hr/> | | |
| Total | 100,0 | 400 |

“as vozes sociais”, como tem sido mostrado noutros estudos com grupos minoritários (Antaki e Widdicombe, 1998; Verkuten, 1997). Pelo contrário, os resultados indicam que estas “vozes sociais” dão, maioritariamente, origem a um movimento de distanciação ou, talvez, de rejeição. É, ainda, importante salientar que, embora 42% dos jovens possuam a nacionalidade portuguesa e 28% deles tenham nascido em Portugal, apenas 2 dizem que os portugueses brancos se referem a eles como portugueses.

A relação entre a auto-categorização e a hetero-categorização é mostrada no cruzamento apresentado no Quadro 4.6¹². A leitura destes dados mostra que as várias formas de hetero-identificação não estão relacionadas com formas paralelas de auto-identificação. Por exemplo, note-se que a identificação com o país é a categoria mais frequente de identificação, qualquer que seja a hetero-identificação. Este desajustamento no processo de categorização pode ter consequências negativas na comunicação, nas relações interpessoais quotidianas e no bem estar pessoal, mas é também potenciador de conflitualidades sociais.

Assim como analisámos as avaliações das auto-identificações, analisámos, também, a avaliação que os inquiridos fazem das respectivas etiquetas sociais. Com este objectivo, perguntámos aos inquiridos se gostam que os portugueses brancos se refiram a eles usando as categorias já descritas. Uma análise de variância dos resultados obtidos evidencia que as categorias de hetero-identificação são avaliadas de forma diferente¹³. A categoria “preto” é aquela que é avaliada de forma mais negativa, sendo também aquela que é percebida como a categoria de nomeação mais usada pelos brancos. As categorias que são avaliadas de forma mais positiva são aquelas que são mais usadas no processos de auto-identificação, nomeadamente

12 Não se inclui a categoria “português” e “luso-africano” dada a sua baixa frequência (2 e 7 casos, respectivamente).

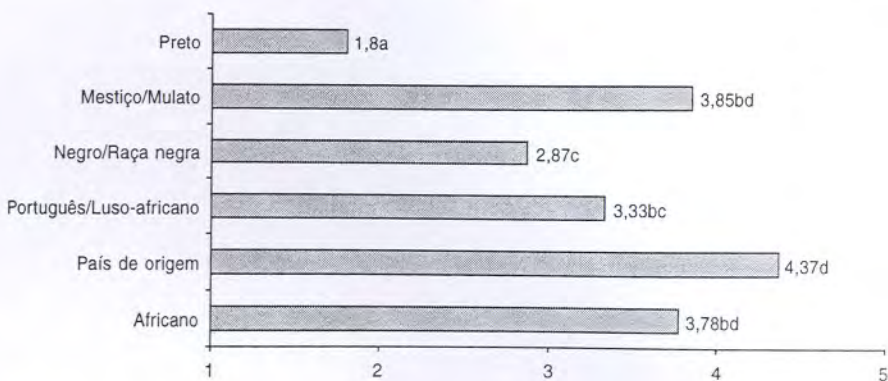
13 $F(5, 365) = 55,97; p < .0001$. Escala de 1 (não gosto) a 5 (gosto muito).

Quadro 4.6 Auto e hetero-identificação dos jovens (% e frequências)

| Identificação auto-atribuída | Identificação hetero-atribuída | | | | | Total |
|------------------------------|--------------------------------|------------------------|--------------------------|------------------------|---------------|-------|
| | Africano (11) | País de origem (12) | Negro/raça negra (14) | Mestiço/mulato (10) | Preto (44) | |
| Africano | 26 | 2 | 17 | 3 | 16 | 14 |
| País de origem | 67 | 89 | 56 | 41 | 59 | 62 |
| Português | 0 | 0 | 4 | 13 | 3 | 4 |
| Luso-africano | 5 | 2 | 13 | 38 | 10 | 11 |
| Negro/raça negra | 3 | 7 | 11 | 6 | 12 | 9 |

a categoria “país de origem” dos ascendentes, que, no entanto, apenas é referida como categoria de hetero-identificação em 12% dos casos¹⁴ (ver Figura 4.2).

Esta primeira análise dos dados relativos ao processo de identidade social dos jovens negros pôs em evidência que a forma de auto-categorização mais usada, e mais desejada, é aquela que os associa ao seu país ou ao país dos seus antepassados. Mas é exactamente neste contexto que surpreende o facto de os jovens portugueses não se terem definido como portugueses. Já num estudo qualitativo, com base em entrevistas em profundidade, Khan e Vala (1999) sublinhavam que a identidade de português entre os “jovens negros” portugueses “é quase invisível”. Uma hipótese plau-

**Figura 4.2** Avaliação da identificação hetero-atribuída (médias)¹⁵

14 Um teste t, tomando como valor crítico o ponto médio da escala de avaliação do rótulo atribuído (ponto médio=3), mostra que a categoria “preto” é avaliada negativamente, e as categorias “país de origem” e “africano” são avaliadas positivamente.

15 Médias com letras diferentes são significativamente diferentes (teste de Tukey, $p < .05$).

sível para estes resultados está no facto de estes jovens pensarem que os portugueses não os consideram portugueses, ou seja, está no facto de sentirem que na vida quotidiana são excluídos da sua nacionalidade. Acresce que, como vimos no Capítulo anterior, estes jovens se sentem injustiçados relativamente aos portugueses brancos na relação com as instituições portuguesas. Apesar disso, lembre-se que a identidade de português não é uma identidade escolhida, mas também não é uma das identidades mais rejeitadas.

2. Estatuto social e identidade social

Analisámos a relação entre as auto-identificações, a nacionalidade e as hetero-identificações, mas não considerámos o papel do estatuto social neste processo de identificação. Ora, alguns estudos no domínio da análise das identidades têm mostrado que o estatuto social funciona como uma variável moderadora dos processos de identificação. Por exemplo, um certo número de pesquisas tem evidenciado que os grupos de baixo estatuto se representam mais como entidades formadas por indivíduos equivalentes do que os grupos de alto estatuto, cujos membros se definem, sobretudo, em termos da suas idiossincrasias e da sua autonomia pessoal (ver, por exemplo, Deschamps, 1982; Páez, Martínez-Tabuada, Arróspide, Insúa e Ayestarán, 1998; Amâncio, 1994). No caso específico dos grupos minoritários e etnicizados, a análise da relação entre o estatuto social e a identidade tem mostrado, nalguns estudos, que são os indivíduos com estatuto menos elevado que mais se auto-categorizam em termos da origem dos seus antepassados. Por exemplo, um estudo sobre os negros americanos "imigrantes" na cidade de Nova Iorque revela que os de mais baixo estatuto social são aqueles que mais desenvolvem uma identidade orientada para a cultura africana (Waters, 1994). Da mesma forma, no estudo sobre as identidades cabo-verdianas em Portugal, Saint-Maurice (1997) mostra que as práticas culturais que podem ser entendidas como uma afirmação dessas identidades são mais comuns nos estratos sociais mais baixos. Estes resultados podem ser entendidos no quadro de estratégias de mobilidade individual, provavelmente mais comuns entre os membros de grupos minoritários com estatuto social relativo mais elevado, do que entre os indivíduos de estatuto social mais baixo. De facto, a possibilidade de mobilidade individual será vista como mais fácil quando se adoptam os valores do grupo maioritário do que quando se adopta uma identificação com o grupo etnicizado. Assim, a identificação com Portugal deverá ser mais provável entre os entrevistados que têm estatuto mais elevado, enquanto que a identificação com África ou o "país de origem" deverá ocorrer com maior probabilidade entre os de estatuto social mais baixo.

No caso do presente estudo, examinámos esta hipótese de par com a hipótese de que não apenas o estatuto mas também a percepção de justiça social influencia a escolha das categorias de identificação, sendo que, neste caso, a identificação como português deverá ser facilitada pelo sentimento de justiça social, e a identificação como "africano" ou "país de origem" deverá ser mais provável entre os que se sentem injustiçados¹⁶.

Contrariamente às hipóteses, os resultados mostram que não se verifica uma relação estatisticamente significativa entre o estatuto social, avaliado com base no rendimento salarial e o grau de educação do pai, e a identificação com Portugal. Contudo, verifica-se uma relação significativa entre esta identificação e a percepção de privação relativa nas relação com as autoridades portuguesas¹⁷: é mais elevada a percentagem dos que não se consideram privados e que se definem como portugueses (21%) do que a daqueles que se consideram privados (13%). A percepção de justiça e neutralidade das instituições facilita, pois, a identificação com Portugal, mas não são os que têm estatuto social mais alto os que mais se identificam com os portugueses.

Relativamente à identificação com a categoria africanos, o estatuto social e a percepção de justiça não se revelaram preditores significativos. Porém, a identificação com o "país de origem" segue as hipóteses formuladas. De facto, o grau de educação do pai¹⁸ e, tendencialmente, o rendimento do agregado familiar¹⁹ apresentam associações significativas com a identificação com o "país de origem". Identificam-se mais com esta categoria os que têm menores rendimentos, bem como aqueles cujos pais têm níveis de educação mais altos e mais baixos. Cruzando, simultaneamente, estas duas variáveis, verifica-se, tendencialmente, que aqueles cujos pais têm níveis de educação mais altos e menores rendimentos se identificam mais com o "país de origem", do que aqueles que tendo um nível de educação elevado apresentam rendimentos mais altos. Por outro lado, é maior o número dos que se sentem privados a nível institucional e se identificam com o "país de origem" (62%), do que o daqueles que não sentem privação (51%)²⁰. Em suma, verifica-se alguma associação entre um estatuto social mais baixo e a identificação com o "país de origem", mas é mais

16 Considerando os resultados apresentados no Capítulo 3, escolhemos como indicador de percepção de justiça a privação relativa intergrupala institucional.

17 $\chi^2 = 4,11$, g.l. = 1, $p < .04$. O coeficiente de contingência é, contudo, baixo (c.c. = .10). Esta análise foi feita com as respostas à pergunta de identificação não exclusiva, visto neste caso termos 66 identificações com os portugueses. Nas identificações primária e secundária apenas temos 12 casos, o que torna frágil o cruzamento desta variável com outras.

18 $\chi^2 = 7,72$, g.l. = 3, $p < .05$.

19 $\chi^2 = 6,67$, g.l. = 3, $p < .08$.

20 $\chi^2 = 5,38$, g.l. = 1, $p < .02$.

forte a associação entre a percepção de injustiça e esta mesma identificação²¹.

3. Modalidades de auto-identificação e hetero-identificação e percepção de bem-estar psicológico

A análise da relação entre o bem-estar psicológico e as categorias de auto-identificação mostrou que a identidade de português encontra-se mais associada à percepção de bem-estar do que a identidade de africano, a identidade racial ou a identificação com o “país de origem” (Quadro 4.7). Verificámos, ainda, que este resultado se mantém para cada um dos indicadores de bem-estar (stresse, satisfação com a vida, satisfação por viver

Quadro 4.7 Identificação primária e bem-estar psicológico (médias)²²

| Identificação primária | Africano | País de origem | Português | Luso-africano | Racial |
|-------------------------------------|------------------|------------------|------------------|-------------------|------------------|
| Bem-estar psicológico ²³ | 3.6 _a | 3.6 _a | 4.1 _b | 3.8 _{ab} | 3.5 _a |

21 Estas associações são, contudo, relativamente fracas. Realizámos, então, outras análises para verificar a consistência dos resultados referidos. Para dispormos de mais respostas “sim” às três categorias referidas e incrementarmos a validade externa da análise, utilizámos, em todas elas, as respostas de identificação não exclusiva. Realizámos, então, um conjunto de Regressões Logísticas Binárias, utilizando o método *Foward LR*, que é análogo ao método *Stepwise* dos modelos de Regressão Linear. Nestas análises, *Wald's Test* é análogo ao *t Test* dos modelos de Regressão Linear. O *Negelkerke's R-Square* ou simplesmente R^2 é o equivalente na Regressão Logística ao R^2 ajustado da Regressão Liner (ver Menard, 1995). Como variáveis independentes tomámos as variáveis sociográficas e posicionais referidas no Capítulo anterior (ver Quadro 3.8 desse Capítulo), bem como os indicadores de justiça (ver, no mesmo Capítulo, o Quadro 3.11). Como variáveis dependentes tomámos as respostas dicotómicas às categorias de identificação “português”, “país de origem” e “africano”. Os resultados para a categoria “país de origem” mostram que, no modelo de variáveis construído, apenas a nacionalidade portuguesa se apresenta significativa (beta = -.19, teste de Wald = 15.78, $p < .001$, $R^2 = .07$). Na variável “africano”, é significativo o impacto da interação entre o tratamento institucional e o merecimento (identificam-se os mais privados e que percebem essa privação institucional como mais ilegítima) (beta = -.10, teste de Wald = 6.18, $p < .01$, $R^2 = .03$). No caso da identificação com a categoria “português”, esta apresenta-se significativamente associada ao género (esta identificação é maior no género masculino) (beta = -.13, teste de Wald = 6.69, $p < .01$); à naturalidade portuguesa (beta = -.16, teste de Wald = 9.08, $p < .001$); e à nacionalidade portuguesa (beta = .13, teste de Wald = 6.55, $p < .01$). O R^2 destas três variáveis é .25. Neste caso, encontramos um valor expressivo de variância explicada, mas que é pouco significativo teoricamente.

22 Letras diferentes indicam diferenças significativas (teste de Tukey, $p < .05$)

23 $F(4, 350) = 4.45$, $p < .002$.

em Portugal). De todo o modo, qualquer das identificações referidas encontra-se associada a estados psicológicos positivos.

A nível das hetero-identificações, analisámos os impactos psicológicos da categoria mais frequente — “preto”. Realizámos uma análise de variância, considerando como variáveis dependentes o sentimento de bem-estar, os níveis de stresse, a auto-estima pessoal e as avaliações da vida em Portugal. Encontrámos efeitos significativos desta forma de hetero-identificação sobre a auto-estima pessoal dos jovens²⁴. Os jovens hetero-identificados como “pretos” apresentam auto-estima pessoal mais baixa do que os que consideram que são identificados de outra maneira. A influência sobre o stresse é tendencial²⁵. Quanto ao impacto sobre a percepção da vida em Portugal, observamos que os jovens definidos pelos portugueses brancos como “pretos” consideram-se “menos respeitados enquanto pessoas”²⁶; e apresentam-se menos satisfeitos por viverem neste país²⁷. As médias que expressam estes resultados podem ser vistas na Figura 4.3. Recorde-se que no Capítulo anterior se mostrou, também, que a percepção de privação relativa tinha consequências a nível do bem-estar pessoal, embora claramente mais elevadas a nível da acção colectiva.

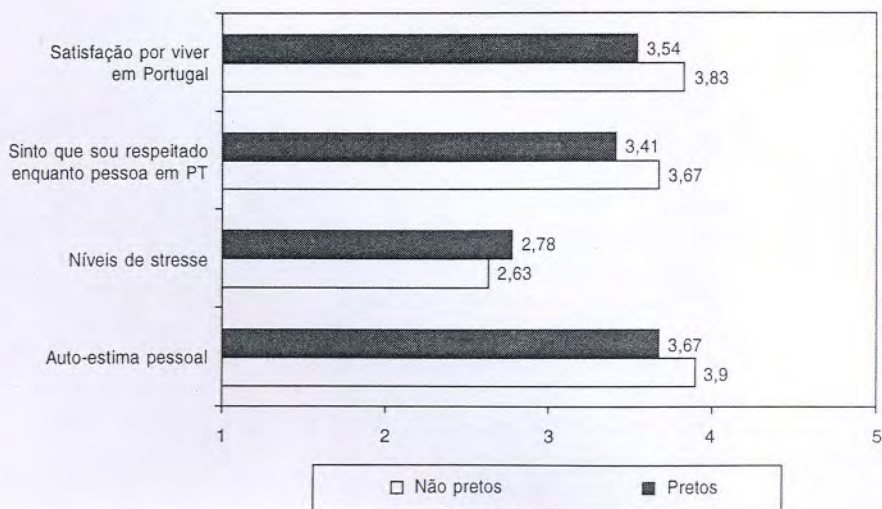


Figura 4.3 Impactos psicológicos da hetero-identificação com a categoria “pretos” (médias)

24 $F(1, 357) = 9,13; p < .003$.

25 $F(1, 362) = 3,04; p < .082$.

26 $F(1, 364) = 5,61; p < .019$.

27 $F(1, 364) = 6,70; p < .010$.

4. Os significados da identidade social

A compreensão da dinâmica das identidades impõe que se analise não só o processo de auto e hetero-categorização e as suas valências emocionais, mas também os significados que se atribuem à categorias em torno das quais se estrutura a identidade social. Os significados associados às identidades sociais e, especificamente, às identidades "étnicas", têm sido objecto de análises dimensionais diversificadas. Uma revisão da literatura teórica e empírica neste domínio permitiu-nos estabelecer um certo número de dimensões hipotéticas: a saliência da pertença ao grupo, a consciência da pertença, o valor atribuído ao grupo (auto-estima colectiva privada, auto-estima colectiva pública), e a representação da relação indivíduo-grupo (o estatuto auto-atribuído e o estatuto hetero-atribuído).

A *saliência da pertença* refere-se à percepção da associação entre o *self* e o grupo. Esta dimensão corresponde à dimensão de identidade em Luhtanen e Crocker (1992), de reconhecimento da pertença em Brown, Condor, Mathews, Wade e Williams (1986), de importância da identidade em Trew e Benson (1996), de centralidade do grupo em Sellers, Smith, Shelton, Rowley e Chavous (1998) e, ainda, da clareza da pertença em Phinney (1990) (ver itens 1 a 5 na escala em Anexo).

A *consciência* do que significa ser membro do grupo refere-se ao sentimento de clareza da pertença categorial, e ao investimento pessoal na aprendizagem das normas do grupo. Esta dimensão corresponde à escala de realização da identidade étnica de Phinney (1990) (ver itens 3 a 5 em Anexo).

No que se refere à *representação da relação indivíduo-grupo*, distinguimos duas sub-dimensões. O estatuto auto-atribuído refere-se à avaliação que se faz da participação na vida do grupo. Esta dimensão corresponde ao conceito de "auto-estima como membro do grupo" em Luhtanen e Crocker (1992) e em Trew e Benson (1996), e à subescala de comportamentos étnicos de Phinney (1990) (ver itens 6 e 7 da escala em anexo). O estatuto hetero-atribuído diz respeito às avaliações que os outros membros do grupo fazem da participação de um determinado membro. Esta dimensão corresponde à dimensão de "reconhecimento do estatuto no grupo" de Tyler *et al.* (1996) (itens 8 a 10 da escala).

Quanto ao *valor do grupo*, considerámos duas dimensões: a auto-estima colectiva privada e pública. A auto-estima colectiva privada refere-se ao significado emocional da pertença ao grupo, ao valor que o próprio atribuí ao grupo. Esta dimensão corresponde à dimensão com o mesmo nome em Luhtanen e Crocker (1992), à de valor do grupo em Brown *et al.* (1986), à dimensão de orgulho pessoal no grupo em Tyler *et al.* (1996), e à dimensão de consideração privada de Sellers *et al.* (1998) (itens 11 a 15). A auto-estima colectiva pública, por sua vez, refere-se à percepção sobre a imagem externa do grupo, a imagem que os não-membros têm do grupo. Esta di-

mensão corresponde à dimensão com o mesmo nome em Luhtanen *et al.* (1992) e Trew e Benson (1996) (itens 16 a 18).

A fim de analisar a configuração destas dimensões identitárias, factorizámos um conjunto de 18 indicadores (ver lista completa em Anexo). Cada um dos indicadores era referido à identidade primária dos jovens. Assim, por exemplo, a um jovem que se definiu como "africano", uma das questões colocadas era: "Sinto-me feliz quando penso que *sou africano*". A escala de resposta variava de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Através de sucessivas análises chegámos à identificação de 4 factores que explicam 53% da variância total e incluem 16 dos 18 indicadores iniciais (ver Quadro 4.8). Recorreu-se à rotação *oblimin*, uma vez que se pressupõe que as dimensões se devem encontrar correlacionadas.

A primeira dimensão corresponde à "Auto-Estima Colectiva Privada" e refere-se às repercussões emocionais que a pertença a um grupo ou categoria social tem sobre o indivíduo, bem como ao valor que se atribui ao grupo. A segunda dimensão foi denominada de "Auto-Estima Colectiva Pública". Esta dimensão identitária decorre da percepção que os indivíduos têm sobre as avaliações externas acerca da sua categoria de identificação. Tal como a primeira dimensão, esta corresponde a uma das dimensões de partida. No entanto, se tomarmos em consideração o valor do coeficiente

Quadro 4.8 Dimensões da identidade: análise factorial em componentes principais (rotação *oblimin*)

| Indicadores | Factor 1 | Factor 2 | Factor 3 | Factor 4 |
|---|----------|----------|----------|----------|
| — Não me sinto incomodado quando penso que sou... | .72 | — | — | — |
| — Sinto-me feliz quando penso que sou... | .68 | .11 | .15 | — |
| — Tenho orgulho em falar sobre os ... | .62 | — | .12 | -.22 |
| — Considero os... um grupo importante | .61 | — | .27 | -.10 |
| — Os... conseguiram realizar grandes feitos | .38 | — | .30 | -.16 |
| — Os outros não acham os... um grupo sem interesse | .30 | .74 | -.31 | .17 |
| — Os outros têm uma boa impressão dos... | — | .73 | .22 | — |
| — Os outros respeitam os... | -.23 | .59 | .13 | -.34 |
| — Tenho uma noção clara de herança cultural dos... | — | .19 | .68 | — |
| — Falar mal dos... é o mesmo que falar mal de mim | — | -.14 | .68 | — |
| — Ser... é uma parte importante do que sou | .21 | — | .67 | .13 |
| — Considero-me um membro de pleno direito dos... | .34 | — | .42 | -.13 |
| — Falo com outros... para aprender mais sobre a minha cultura | .23 | .14 | .38 | -.24 |
| — Sinto que os... aprovam o que tenho feito | -.28 | — | .11 | .77 |
| — Tenho uma boa reputação entre os... | .20 | — | -.16 | .77 |
| — Sinto que os... me respeitam como pessoa | .35 | — | -.13 | .65 |
| Valores próprios | 5,09 | 1,59 | 1,17 | 1,12 |
| Variância explicada (%) | 30,00 | 9,3 | 6,87 | 6,6 |
| Alfas de Cronbach | .74 | .52 | .67 | .64 |

Apenas são apresentados os pesos factoriais superiores a 0.10

de consistência interna, vemos que esta dimensão é uma dimensão menos estruturada do que a anterior.²⁸

A terceira dimensão agrega itens referentes às dimensões de saliência da pertença e consciência de pertença, e chamamos-lhe “Saliência e Consciência de Pertença”. Estes resultados sugerem, assim, que, nesta amostra, a percepção de associação entre o *self* e o grupo se encontra relacionada com o sentimento de que se sabe o que é o grupo e ao investimento pessoal na definição do que é percebido como a identidade do grupo.

Finalmente, a quarta dimensão encontrada corresponde também a uma das dimensões de partida, o “Estatuto Hetero-Atribuído” no grupo ou a percepção que o próprio tem do valor que os outros lhe atribuem.

Como se pode ver no Quadro 4.9, estas dimensões encontram-se correlacionadas, sendo, nomeadamente, elevada a correlação entre a consciência de pertença ao grupo e o valor que lhe é atribuído, ou a auto-estima privada. Note-se, assim, que o grau de identificação com o grupo parece estar mais associado ao valor que o próprio lhe atribui do que ao valor que os outros lhe atribuem.

Quadro 4.9 Correlações entre as dimensões

| Componentes | Dimensão 1 | Dimensão 2 | Dimensão 3 |
|-------------|------------|------------|------------|
| Dimensão 1 | – | – | – |
| Dimensão 2 | .23* | – | – |
| Dimensão 3 | .61* | .22* | – |
| Dimensão 4 | .43* | .32* | .43* |

* $p < .001$

Com base nos indicadores mais saturados em cada factor, foram construídos índices que permitem uma avaliação de cada uma das dimensões. Os valores apresentados na Figura 4.4 mostram que os jovens valorizam positivamente todas as dimensões da identidade, uma vez que as médias obtidas em cada uma destas dimensões estão significativamente acima do ponto médio da escala²⁹. Entretanto, apesar de considerarem que o

28 Os coeficientes alfa são baixos, nomeadamente na segunda dimensão. Deve, contudo, considerar-se que o número de itens por dimensão também é baixo. De qualquer forma, os valores apresentados indicam que as dimensões se apresentam pouco estruturadas, o que é uma informação com valor em si. Refira-se, ainda, que os alfas foram calculados apenas com as variáveis com maior peso factorial em cada dimensão.

29 Dimensão 1: $t(392) = 62,3$; $p < .000$; Dimensão 2: $t(377) = 15,8$; $p < .000$; Dimensão 3: $t(383) = 41,7$; $p < .000$; Dimensão 4: $t(368) = 44,1$; $p < .000$.

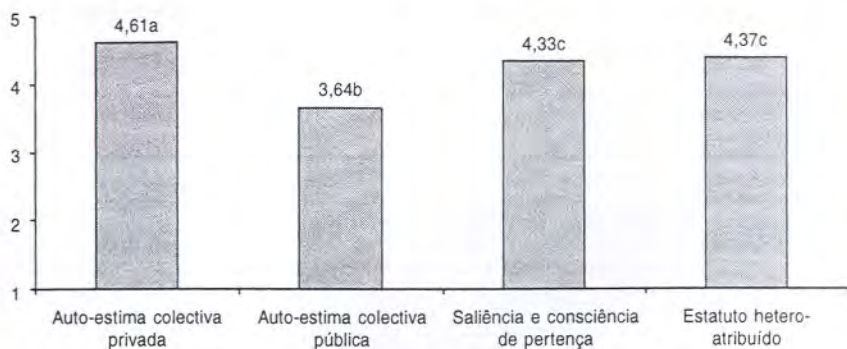


Figura 4.4 Avaliação de cada uma das dimensões da identidade social (médias)³⁰

grupo de identificação tem uma imagem pública positiva, esta imagem é menos positiva do que a imagem privada, como mostram os resultados da análise de variância igualmente apresentados na Figura 4.4.

Modalidades de auto-identificação e significados da identidade social

Os resultados que acabamos de apresentar referem-se ao conjunto das identificações salientadas pelos inquiridos. Os resultados detalhados para as principais categorias de identificação podem ser observados no Quadro 4.10. Com excepção da percepção do valor pessoal no interior grupo, todas as outras dimensões apresentam diferenças em função do tipo de categoria de identificação.

No que respeita à Auto-Estima Privada³¹, são os inquiridos que se auto-definem como “portugueses” os que apresentam os valores mais baixos nesta dimensão. Estes jovens sentem menos orgulho e exprimem menos satisfação pela pertença grupal que escolheram do que os outros jovens. Esta resposta deve ser entendida no quadro de percepções intergrupais já referidas. Lembre-se, por exemplo, que os jovens que se auto-categorizam como portugueses consideram que essa pertença não é reconhecida pelos portugueses brancos. Ao mesmo tempo, muitos deles declaram que, como os restantes, são designados por “pretos”. Muitos deles exprimiram, também, sentimentos de privação relativa, nomeadamente de privação relativa intergrupala institucional.

30 Médias com letras diferentes são significativamente diferentes (teste de Tukey, $p < .05$).

31 $F(4, 365) = 2,35; p < .05$.

Quadro 4.10 Significados da identidade social em função da identificação primária dos jovens (médias)³⁵

| Dimensões de significados da identidade: | Identificação primária | | | | |
|--|------------------------|-------------------|-------------------|--------------------|--------------------|
| | Africano | País de origem | Português | Luso-africano | Racial |
| Auto-estima colectiva privada | 4,70 _a | 4,63 _a | 4,26 _b | 4,64 _a | 4,62 _a |
| Auto-estima colectiva pública | 3,45 _{ab} | 3,77 _a | 3,67 _a | 3,64 _a | 3,07 _b |
| Saliência e consciência de pertença | 4,45 _a | 4,41 _a | 4,02 _b | 4,20 _{ab} | 4,33 _{ab} |
| Estatuto hetero-atribuído | 4,42 | 4,39 | 4,56 | 4,26 | 4,20 |

Os resultados mostram, ainda, que são aqueles que reivindicam uma identidade racial os que consideram que o seu grupo é pior avaliado publicamente³². Um terceiro efeito significativo da identidade adoptada verificou-se sobre a dimensão da saliência e consciência da pertença³³. Podemos notar que os jovens que se identificam como “portugueses” apresentam uma saliência e consciência de pertença mais baixa do que os que se identificam como “africanos” ou como “país de origem”³⁴. De qualquer forma, deve lembrar-se que os jovens com identidade primária portuguesa eram apenas 16, o que implica precaução na leitura dos resultados.

No sentido de explorar eventuais especificidades dos significados da identidade social decorrentes das identificações com os diferentes países, procedemos a análises separadas para os três principais países de identificação para que remete a categoria “país de origem” (Angola, Guiné e Cabo-Verde). Os resultados (Quadro 4.11) mostram que os que se identificam com a Guiné exprimem maior orgulho nessa identificação do que os que se identificam com Angola³⁶. Os que se identificam com Cabo-Verde consideram, tendencialmente, que este país é objecto de uma imagem pública mais positiva³⁷.

Modalidades de auto-identificação e consequências dos significados da identidade social

Analizamos agora as relações entre as dimensões das identidades adoptadas pelos jovens e os indicadores psicológicos e de participação socio-política

32 $F(4, 345) = 6,45; p < .000$

33 $F(4, 355) = 2,79; p < .027$

34 Neste quadro e no seguinte, as diferenças entre as médias foram analisadas por meio do teste *post-hoc* de Tukey ($p < .05$).

35 Todas as escalas variavam de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

36 $F(2, 206) = 6,28, p < .01$

37 $F(2, 195) = 3,43, p < .05$

Quadro 4.11 Significados da identidade social em função da identidade nacional (médias)³⁸

| Dimensões de significados da identidade | Identificação primária | | |
|---|------------------------|---------------------|--------------------------|
| | Angolano (n=55) | Guineense (n=25) | Cabo-verdiano (n=131) |
| Auto-estima colectiva privada | 4,42 _a | 4,82 _b | 4,66 _{ab} |
| Auto-estima colectiva pública | 3,53 _a | 3,69 _{ab} | 3,86 _b |
| Saliência e consciência de pertença | 4,37 | 4,43 | 4,40 |
| Estatuto hetero-atribuído | 4,45 | 4,45 | 4,31 |

referidos no Capítulo anterior. A pergunta que fazemos é a seguinte: será que os significados atribuídos às identificações sociais têm repercussões a nível do bem-estar pessoal e da participação socio-política? Para responder a esta questão, analisamos a relação entre as dimensões identitárias dos jovens e os indicadores de bem-estar e de participação socio-política, não distinguindo a modalidade de auto-identificação adoptada (Quadro 4.12).

Verificámos que quanto mais elevada a auto-estima privada e pública, ou seja, quanto mais os jovens inquiridos se sentem felizes e orgulhosos de pertencer ao seu grupo e consideram que o seu grupo tem uma imagem pública positiva, mais exprimem auto-estima pessoal. Estes resultados apoiam as hipóteses da teoria da identidade social, de acordo com a qual através das identificações sociais as pessoas procuram garantir uma auto-estima positiva. Contudo as correlações são baixas, o que pode indicar que, como se referiu no Capítulo anterior, a identidade pessoal destes jovens está mais associada a outras pertenças categoriais, por exemplo, de tipo lúdico ou afiliativo, do que a pertenças que se ligam ao seu posicionamento social como africanos, negros, imigrantes, etc. Mas ainda que assim seja, as

Quadro 4.12 Significados e consequências da identidade social (correlações)

| Significados da identidade social | Consequências da identidade social | | |
|-------------------------------------|------------------------------------|---------|----------------|
| | Auto-estima pessoal | Stresse | Ação colectiva |
| Auto-estima colectiva privada | .14* | -.10 | .24** |
| Auto-estima colectiva pública | .14* | -.10 | .19** |
| Saliência e consciência de pertença | .05 | -.01 | .32** |
| Estatuto hetero-atribuído | .17* | .02 | .21** |

* p < .05; **p < .01

38 Todas as escalas variavam de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

identidades que estamos a estudar deixam traços na organização da experiência pessoal destes jovens e na reflexão que fazem sobre esta experiência.

Mais fortes são, contudo, as correlações entre os significados da identidade social e a acção colectiva. Estes resultados indicam disponibilidade para o envolvimento em acções colectivas para melhorar a posição dos grupos de identificação, e mostram, também, que a repercussão dos significados da identidade social é maior a nível da orientação para a acção do que a nível da auto-representação.

Síntese e conclusões

Neste capítulo analisámos as dimensões da identidade social dos jovens negros em Portugal, decorrentes da saliência das diferenças na cor da pele e no país de origem dos ascendentes. A análise destas identidades foi conduzida no pressuposto de que elas constituem uma das dimensões das posições sociais dos jovens, e no pressuposto, em grande parte verificado, de que elas organizam a experiência individual e colectiva e se reflectem em tomadas de posição sobre a sociedade portuguesa.

De entre os resultados apresentados, começamos por salientar os que se referem ao facto de termos verificado que apenas 4% dos inquiridos escolheram como identificação primária “português”, quando 40% deles têm a nacionalidade portuguesa. Como mostrámos, apenas 9% dos que têm a nacionalidade portuguesa tomam como identificação primária aquela identificação, contra 77% dos cabo-verdianos que se identificam com Cabo-verde, ou 72% dos angolanos que se identificam com Angola. Este resultado foi, por nós, associado ao facto de os jovens negros portugueses considerarem que os portugueses brancos não os vêm como portugueses — apenas dois deles disseram que os portugueses brancos os consideravam portugueses. A desidentificação com Portugal está ainda associada à percepção de discriminação de que se consideram alvo. Como se mostrou, aqueles que não se identificam com a categoria português consideram que são objecto de discriminação, nomeadamente na relação com as instituições portuguesas. De qualquer forma, a não identificação com Portugal não implica uma rejeição desta identidade, como não implica uma percepção de interdependência negativa com os portugueses brancos, o que foi mostrado no Capítulo 3.

A perspectiva adoptada sobre o conceito de identidade social, levou-nos a considerar que as identificações sociais decorrem de processos de auto-categorização, mas também de processos de hetero-categorização associados a dimensões avaliativas e emocionais.

Seguindo o percurso da análise realizada, devemos salientar que os jovens inquiridos se identificam sobretudo com o seu país ou o país de ori-

gem dos seus pais, sendo que este resultado se verifica qualquer que seja a sua nacionalidade. Esta identificação com o país de origem tem como contraponto a rejeição das categorias preto e branco, e articula-se com a identificação com África. Qualquer das formas de identificação escolhidas pelos jovens está associada a avaliações positivas. Porém, a hetero-categorização como "preto", aquela que é percebida como a mais utilizada pelos portugueses "brancos", é avaliada de forma negativa. Além disso, a percepção de que se é categorizado como "preto" apresenta-se claramente associada a uma auto-estima mais baixa, e a uma maior insatisfação por viver em Portugal.

No conjunto, as categorias que os jovens escolheram para se identificar são objecto de uma identificação forte, e os jovens consideram que conhecem as normas e os valores distintivos dessas categorias, ou seja, apresentam uma clara consciência dessas pertenças grupais. Além disso, acham que são avaliados positivamente no interior dos grupos com que se identificam e avaliam positivamente esses mesmos grupos. Apesar de acharem que, em geral, as pessoas que não são membros desses grupos têm uma imagem positiva acerca deles, acham que essa imagem pública é menos positiva do que aquela que eles têm sobre os mesmo grupos.

É importante notar, contudo, que se verificam diferenças na avaliação das principais categorias de identificação. De sublinhar, nomeadamente, que os que se identificam com a Guiné exprimem maior orgulho nessa identificação do que os que se identificam com Angola³⁹, e que os que se identificam com Cabo-verde consideram que este país é objecto de uma imagem pública mais positiva.

Este Capítulo permitiu-nos conhecer as categorias sociais com que mais se identificam os jovens inquiridos, e os significados, positivos, que associam a essas categorias. Permitiu-nos, também, verificar que existe uma enorme dissociação entre as categorias de identificação e as categorias de hetero-nomeação, o que pode potenciar problemas emocionais e de comunicação e novas conflitualidades, nomeadamente porque a categoria de hetero-categorização percebida como mais comum ("preto") é objecto de uma avaliação negativa, e a percepção de que se é rotulado dessa forma tem impactos negativos na auto-estima.

Os resultados aqui apresentados ajudam, ainda, a compreender a dinâmica psicológica destes jovens e a sua orientação para a acção colectiva. De facto, mostrámos que o valor atribuído aos grupos de identificação, nomeadamente aquele que decorre da percepção da sua imagem pública positiva, se encontra associado a uma auto-imagem positiva. Mostrámos, também, que a participação cívica e a acção colectiva deste jovens se encon-

39 $F(2, 206) = 6.28, p < .01$

tram igualmente associadas a uma imagem positiva dos grupos de identificação, resultado que dever ser lido em articulação com os resultados anteriormente apresentados, e que mostram que o sentimento de privação relativa é, também, um desencadeador da acção colectiva.

Anexo: Escala de dimensões dos significados da identidade social

Todas as perguntas eram feitas remetendo o inquirido para a categoria que escolheu como identificação primária. A escala variava de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

"Diga-me, agora, em que medida concorda ou discorda com cada uma destas frases:"

- 1) Considero que ser (categoria) é uma parte importante daquilo que sou.
- 2) Falar mal dos (categoria) é o mesmo que falar mal de mim.
- 3) Acho que tenho uma noção clara da herança cultural dos (categoria) e do que ela significa.
- 4) Falo frequentemente com outras pessoas (categoria), de forma a aprender mais sobre a minha herança cultural.
- 5) De uma forma geral, as outras pessoas têm uma "boa impressão" dos (categoria).
- 6) Os valores dos (categoria) devem ser os mesmos da humanidade em geral.
- 7) Sinto-me incomodado quando penso que (categoria).
- 8) Considero-me um membro de pleno direito do grupo dos (categoria)
- 9) Sinto que os (categoria) que me conhecem, me respeitam como pessoa.
- 10) De uma forma geral, as outras pessoas acham que os (categoria) são um grupo sem interesse.
- 11) Eu sou um membro activo de organizações ou grupos que incluem, essencialmente, indivíduos (categoria).
- 12) Acho que tenho uma boa reputação entre os (categoria) que me conhecem.
- 13) Tenho orgulho em falar aos meus amigos sobre (categoria).
- 14) Sinto-me feliz quando penso que sou (categoria).
- 15) Sou uma pessoa que considera os (categoria) um grupo importante e com valor.
- 16) Penso que os (categoria) conseguiram realizar grandes feitos e têm uma história digna de respeito.
- 17) Acho que falo bem a língua do meu grupo, e conheço bem os seus costumes.
- 18) De uma forma geral, as outras pessoas respeitam os (categoria).
- 19) De um modo geral, sinto que os (categoria) que me conhecem aprovam o que tenho feito na vida.

As dimensões para que remetem os indicadores são referidas no corpo do Capítulo. Os itens encontram-se, aqui, agrupados por dimensões. Contudo, no questionário original eles eram apresentados por outra ordem.